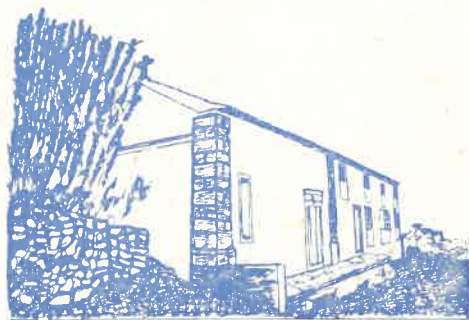


SALGA

4.º CENTENÁRIO

1581 - 1981



SALGA
4.º CENTENÁRIO
1581 - 1981

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SALGA
4.º CENTENÁRIO
1581 - 1981

ANGRA DO HEROISMO
1981



NOTA INTRODUTÓRIA

Neste ano que se comemora o quarto centenário da Batalha da Salga ocorrida a 25 de Julho de 1581, chegam-nos às mãos dois textos para reflexão que certamente serão proveitosos para ajudarem a compreender os conturbados tempos dos finais do séc. XVI e acima de tudo para vos darem pistas sobre os Açores de hoje.

São textos escritos por fiéis partidários de D. António Prior do Crato, aclamado rei de Portugal e escritos com a intenção de engradecerem aquele monarca e publicamente defenderem a sua causa.

Os Açores, já então marcados nos seus destinos pela sua situação geo-estratégica, foram o palco duma encarniçada luta pelo domínio do Atlântico.

Frente a frente duas soluções possíveis: uma, que se traduzia na manutenção de duas nacionalidades na Península Ibérica, politicamente independentes e detentoras ambas de vastos impérios na América do Sul, na África e no Oriente;

CAPA: Baía e Vale da Salga — Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo

Casa - Ermida do Bom Jesus — Salga
Desenho de Victor Cardoso

outra, defendendo uma solução de união de ambos os impérios através da concentração das coroas de Espanha e Portugal num único rei.

Venceu a solução da união das coroas e Filipe de Espanha foi coroado rei de Portugal. Os impérios uniram-se e os Açores continuaram a ser uma chave importante nesse espaço económico e político que é o Atlântico Norte.

O entusiasmo, a bravura e a generosidade dos defensores da solução nacional continuam patentes nos testemunhos que nos deixaram e a crónica de Pedro de Frias, na parte que descreve os preparativos para a guerra e a batalha travada na Salga ou a carta, elegante e desassombrada de Ciprião de Figueiredo, o Corregedor dos Açores, continuam importantes documentos de reflexão crítica.

Eles aqui ficam; que sirvam o fim para que a Direcção Regional de Orientação Pedagógica os mandou distribuir pelas escolas da Região Autónoma dos Açores.

R. L.

CARTA DE FILIPE II DE ESPANHA

Doutor Cypriam de Figueiredo: eu El-Rey vos envio saudar, não podendo deixar de crer de vos que cumprireis com a obrigação que tendes a meu serviço e ao bem dessa Ilha e a que particularmente vos toca, me parece encomendarvos isto mesmo, que de vos confio que fazendo vos assim como é de crer; não sómente vos perdôo as culpas passadas: mas que folgarey de vos fazer mercê pelo serviço que de vos nisto espero; para que se escuzem os grandes danos dessa Ilha, e dos moradores della e seu povo, indo sobre ela o apercebimento que tenho mandado fazer de gente, navios, monições; como tudo largamente vos dirá quem vos esta minha carta dará. Escripta em Lisboa a 14 de outubro de 1581.

RESPOSTA DE CIPRIÃO DE FIGUEIREDO

Vi a carta que V. Magestade me mandou por Gaspar Homem, na qual me dizeis, que não podeis deixar de crer de mim, que cumprirey com a obrigação, que tenho a vosso serviço, bem desta Ilha com que particularmente me toca; prouvera a Deos que tivera V. Magestade lembrança da em que estais aos Reys de Portugal, principalmente ao Serenissimo Infante D. Luiz, que com seus vassallos e Pessoa sempre em guerras ajudou ao Imperador vosso Pay, porque nem as fizereis contra o reino com El-Rey D. António, seu filho, offendendo tanto a Deos Nosso Senhor nos estragos de honras, vidas, fazendas que cauzates no meu, e os Portugueses verdadeiros seus vassallos deixaremos de vos servir como a Rey christão e a

quem sempre amou a nação Portugueza; mas como V. Magestade se esqueceo de tão devida razão, e da do sangue pelo muito parentesco que tendes com os Reys de Portugal, nem V Magestade lhe cabe querer que eu o sirva como vassalho, nem a mim convem obedecer como subdito. Esta Ilha e moradores della são de El-Rey D. António, a quem juraram por seo Rey, e natural Senhor; assim pela sucessão do Reino lhe pertencer, e o povo della o ter eleito; como por a cidade e Camara de Lisboa isso escrever as razões e justiça que para isso havia, não posso eu crer que V. Magestade não as tenha muitas vezes passadas pela memoria. E ainda que outras não houvera mais que a eleição do povo, que nesse Reyno por muitos actos tem direyto do nomear Rey (faltando descendentes adquiridos) bastará entrar V. Magestade nelle com mão armada, estando em letigio, para ainda que tivereis muita justiça perderes todo vosso direito: mas em Deos confio, que tudo ha de tornar ao estado, que nem V. Magestade por occupar o alheo perca sua alma, nem o que está por ora usurpado deixe de vir ao poder do seo dono: não me tenha V. Magestade por atrevido; mas julgue-me por desenteressado; e prouvera a Deos que os Reys tiverão homens livres e pouco ambiciosos em seos conselhos; porque nem El-Rey D. António chegara aos termos que o porerão tamanhas traições: nem V. Magestade a perigo de perder o seo, e pôr em risco toda a Christandade. Coitado daquele que há de dar conta no final juizo das honras, mortes, fazendas de tantos, da liberdade e gosto da vida; porque para quem se perdeo não haverá arrependimento que baste em satisfação, por se lhe acabar o tempo. Se V. Magestade bem cuidar na hora da morte que nos espera, e quantos males nella se nos hão de representar, e as penas, que pelos que tendes em Portugal feito eternamente haveis de ter, e justamente haveis de padecer lembrando-vos quam perto estais de se vos acabar tudo. Ah! como dareis uma volta tão grande ao passado porque tudo se vos ha de então ser presente. Quanto melhor vos fará estar em vossos Reynos pacífico, vossos vassallos quietos, amado de todos os Reys Christãos, e servido de todos os

seus; que com o que tendes feito em Portugal: não somente os christãos, mas todas as nações infieis vos terão intrinseco odio: Cuydai quantos innocentes matastes com o vosso exercito: cuydai nas honras das viuvas, e donzellas roubadas, e nos gemidos que ante a Divina justiça estão pedindo de vos: lembrevos quantas casadas por adulterio forçosas são apostatadas; os templos de Deos que profanarão; as Religiozas que deshonorarão; a servidão em que pozestes os moradores de Portugal; e finalmente tudo o que nelle cauzastes, que Deos tem tomado á sua conta o tomar-vol-a com rigorosa justiça; como por um Reyno que mais que todos do mundo nobilitou, dando-lhe as suas sagradas chagas, com que nos redemio, por armas que foy signal e penhor de nunca o desamparar: as causas que padecem os moradores desse affligido Reyno, bastavão para vos desenganar que os que estão fora desse pezado jugo, quererão antes morrer livres, que em paz subjeitos: nem eu darei aos moradores desta Ilha outro conselho; porque não perca minha alma nem minha honra, que trocarei quantas vidas tivera, e podera possuir por morrer leal a meu Rey que jurei: porque um morrer bem é viver perpetuamente; daqui me veiu ter mais conta co mperservar até o fim da vida nesta lealdade que temer os vossos apercebimentos de gente, navios e munições com que V. Magestade na sua me ameaça; porque confiando em Deos que pelleja por nós para os navios está o mar, e portos desta Ilha aparelhados, para as munições, as fortalezas ,e muitos poços para metter nelles toda a gente que nos vier buscar; a que se não perdoará; pelos males que resultão de perdões. Não me ponha V. Magestade culpa, porque jurei a D. António por meu Rey e Senhor, e de defender esta coroa, que tambem fizera o mesmo por vós se vos tivera jurado (posto que não com tanto gosto) porque basta ser Rey Portuguez: e se a desventura me chegasse a estado que ficasse com vida subjeito, e por fazer o que devo me mandassem matar; perdendo a vida pelo Senhor D. António, então aganhava, e tãobem não perderia a memoria de minha lealdade, nem se perderia a fama de Vossa crueza e sem justiça. Eu não sirvo El-Rei D. António

por interesse (posto que delle se podião esperar maiores mercês que de nenhum outro Rey»; mas sirvo-o com a pureza de minha obrigação, de que resulta não me moverem mercês prometidas; que foy o laço em que cahio Portugal; porque fóra do que nenhuma couza me poderá mover a troco de vender a honra, e lealdade, que não tem preço, nem ha nenhum que eu tanto estime: lição que a muitos Fidalgos esqueceo. Nosso Senhor leve a V. Magestade para o seu Reyno, e restitua o de Portugal ao seu amado Rey o Senhor D. António, como os seos verdadeiros e leaes Portuguezes desejamos. Desta muito nobre e sempre leal cidad d Angra, Ilha 3ª de Jesu Christo em 13 de março de 1582.

BATALHA DA SALGA

Os extractos que a seguir se apresentam são da Crónica Del-rei D. António, por Pedro de Frias, edição da Universidade de Coimbra, 1955.

«De como a armada de castela chegou à ilha Terceira e o cuidado que o governador teve de prover as estâncias para resistir ao inimigo» (1).

Como o governador sabia que el-rei de castela havia de mandar uma armada sobre a ilha e sabendo que era chegada

(1) Capítulo 4.



com muito cuidado, provia as estâncias que eram muitas e fracas e para se defenderem era necessário fazerem, do peito, muro. Rodeava a ilha muitas vezes para prover nas coisas que faltavam, fortificando a ilha o melhor que podia enquanto o tempo lhe dava lugar. Uma tarde, véspera de S. João Baptista 81 (2), apareceu a armada do inimigo de que era capitão D. Pero de Valdez, biscainho de nação, com nove naus, 6 grossas e 3 pequenas. Podia trazer mil homens de peleja. Andando pela ilha alguns dias, desinquietando a gente que continuamente estava posta em armas. E o governador, proveu as estâncias com a gente necessária e a mais seguia o inimigo para a parte donde bordeava para que se quizesse desembarcar os receberam. Neste tempo veio ter à ponta do Brasil (3), uma lancha que vinha correndo a costa, vendo os portos e calhetas onde poderia desembarcar seguro (...) e como o governador não se ocupava em outra coisa que prover os lugares por onde a gente estava repartida, assim de munições como de mantimentos e água e por não haver falta nenhuma mandou chamar alguns homens nobres e velhos em quem ele tinha muita confiança e a cada um deles deu um cargo, tomando carros que não serviam para outra coisa e homens a cavalo para levarem pólvora e munições aos soldados; desta maneira não havia nenhuma falta. (...) As mulheres deixando suas obrigações de casa, faziam romarias juntando-se em companhias elegiam seus capitães e não eram tão poucas que passavam de duzentas e trezentas, iam todas descalças por serras e caminhos ásperos e predregosos duas e três léguas levando capelães para lhes dizerem missa, deramando muitas lágrimas em abundância com suas rogativas por el-rei e sua pátria. Com estas armas pelejaram estas devotas e varonis mulheres. E na guerra andavam no campo obrigando a seus maridos e a quem as via a pelejarem. (...)

(2) Ano de 1581

(3) Monte Brasil.

«de como D. Pedro de Valdez foi com parte da sua armada sobre a vila da Praia tentando ver se podia desembarcar, e uma carta que mandava ao governador e o mais que se passou» (4).

Temendo o governador que o inimigo pusesse sua gente em terra, não se descuidava de percorrer as estâncias de dia e noite. Passados já vinte dias que a armada bordeava ao redor do porto da cidade para os ilhéus e vendo que ia na volta da Vila da Praia e carregava sobre ela, partiu para aquele lado acompanhado com Manuel Francisco Quadros, Brás Nogueira, Luis Gonçalves Cota, mestre de obras e fortificações de el-rei naqueles ilhas, e alguns de cavalo, e foi dormir. (...) Como estava o dia mais claro viram alguns navios que iam dos ilhéus para o porto da cidade. Masa como o governador entendia que o inimigo havia de atacar de manhã, fez-se com algumas velas nalguma parte e dar com a gente toda noutra e viu que faltavam navios da armada. Quando se tornava pelo caminho teve aviso na conta deles, porfiando com os companheiros que tornassem à vila de São Sebastião donde poderiam descobrir o mar até à Vila da Praia porque suspeitava que no porto da Praia ou na casa da Salga, havia D. Pero de lançar gente. (...) E como deixava a cidade bem provida de gente com seus capitães, e os navios que para lá iam não podiam levar gente que pudesse fazer dano, mandou recado aos da cidade que se vigiassem que ele ia sobre a vila da praia para a socorrer querendo o inimigo que sobre ela ia, acometê-la e assim foi que no Porto Martim quizeram sair e adiante em outras calhetas. D. Pero de Valdez ia na dianteira com as lanchas atrás e uma caravela que chamavam «catarruidos» que eles tinham tomado ao longo da terra donde os do mar davam apupadas aos portugueses que guardavam os portos com palavras injuriosas e de pouca criação que fazia indignar os da terra, respondendo-lhe com a mesma toada desejando de se encontrarem

(4) Capítulo 5.

para que por obra lhe desse formal resposta. Os dois navios que adiante iam, ancoraram na entrada das pontas do porto da praia e o «catarruidos» se pôs mais ao mar (...) em chegando o governador com muita pressa à ponta de St.^a Catarina do Cabo da Praia onde depois fez uma fortaleza, viu uma lancha com gente que vinda da outra banda aolongo do calhau junto do porto da vila a qual atiraram com um falcão pedreiro a cargo de Ambrózio d'Ávila morador na mesma vila. Perguntando o governador o que era, lhe disseram que Ambrózio d'Ávila mandara atirar àquela lancha na qual ia D. Pero de Valdez, só a pretexto de paz com uma bandeira branca, sondando a costa do porto. Ouvindo o governador o atrevimento de D. Pero determinou de o assombrar e disse à sua gente que tivessem ânimo que ele ia à vila que era cerca de meia légua (...) para ordenar trazer uma peça de artilharia e fazer com ela abrandar o inimigo a seu pezar; trouxe uma espera forçada metida entre gente que a encobria para não ser vista dos contrários até a plantar na ponta de St.^a Catarina e indo com a peça, veio um mancebo num batel com uma bandeira branca, que era marinheiro da caravela de Henrique de Amores, morador na cidade de Angra que dias atrás D. Pero tinha tomado, vindo do Faial para a Terceira e por ser manco o mandou. Trazia uma carta serrada de D. Pero de Valdez para a dar ao governador. Não se soube se era do rei de Castela ou de D. Pero porque o governador, posto que alguns homens lhe pediram para pegar na carta ele não quis por desprezo pelo inimigo que estava à vista e tão perto que bem via tudo (...) e mandou-a rasgar de maneira que se não pudesse ler, do que a gente ficou contenté e cheia de ânimo por verem o governador que tão pouco estimava seus contrários, e sua firmeza no serviço do Rei D. António na guarda da sua ilha (...) como o governador soube do marinheiro, em que navio estava D. Pero, mandou ao condestável que tinha a peça assestada e feita a pontaria que pusesse fogo, atirando o 1.^o tiro que passou por cima do castelo da popa; não foi tão alto que o vento do pêlouro derrubou os chapéus de alguns do navio, depois se disse que um

deles fora o de D. Pero de Valdez. (...) Todos os que puderam muito à pressa se baldearam nas lanchas e fugiram para o mar. (...) D. Pero ficou à amarra e determinou de se vingar e tornar outra vez sobre a praia como fez (...)

«de como D. Pero de Valdez bateu a vila da praia com dois navios e o fizeram alevantar por força» (5).

Como D. Pero de Valdez ficou mal contente de não ser bem esperado na vila da Praia (...) e queria saber os portos e calhetas daquela parte, determinou vingar-se no mesmo lugar. Passados breves dias, tornou com um galeão forte e uma grande nau bem armadas e com muita gente.

(...) Começaram a bater a vila com a grossa artilharia, mettendo grande temor e medo; as mulheres fugindo para as igrejas pedindo socorro a Deus que guardasse sua justiça; outras se acolhiam para a serra e em algumas havia corações varonis. Os homens ouvindo a bateria vinham ao zunido dos pelouros que por eles chamava (...) acudiu gente de pé e de cavalo escaramuçando pela areia fazendo algazarras aos do mar, que saíssem em terra. Foi dado rebate ao governador que estava na cidade sabendo o que passava. E como D. Pero de Valdez batia a vila, o governador mandou o capitão Gaspar de Araújo de Barros que com sua gente e o capitão Francisco Dias de Santiago com sua companhia (...) acudissem depressa a socorrer a vila da Praia que ele se estava armando para logo se pôr a cavalo e segui-los para se achar naquela encontro. (...)

(...) Mandou o governador prover toda a costa e reforçar as estâncias de gente, que começavam no lugar de St.^a Bárbara que é a banda do oeste, até às Cinco Ribeiras que são sete léguas de costa. Foi-se pôr no terreiro da Alfândega da cidade toda noite, e tinha posto homens, da cidade até à Praia de modo que, cada hora recebia recados do que se passava. Ele acudia com peças de artilharia que eram necessárias para as

(5) Capítulo 7.

estâncias que estavam junto à Praia, pólvora e munições e toda a noite passou neste trabalho. Ainda que maior e diferente passaram os inimigos porque com setenta e nove bombardas que dos seus navios atiraram não fizeram mais dano que tivessem empregado três pelouros: um na capela de São Francisco sem a passar, outro no dormitório das freiras de Jesus e o terceiro na casa de Pedro Alvares do Canto e lhe quebrou uma asna do telhado e dentro, um alguidar; este dano ainda que pouco o tiveram por bem empregado porque o senhor da casa era mais amigo do serviço de Castela que de seu rei natural que por ser tal, foi preso na cadeia pública, pelo governador, e perdoado por el-rei D. António para fazer mercê a D. Violante sua parenta, mas diferente na opinião. (...)

A gente da terra estava posta em suas trincheiras de valas de areia que cercava toda a Praia pelas partes necessárias desejando de se poderem encontrar para empregarem seus desejos, ficando a vila sem cerco, não de temor, porque havia tanto esforço na gente como sempre mostraram, que não havia quem lhe pudesse tirar esta honra pois procederam tão valorosamente, ganhando gloriosa fama quanto alguns seus naturais perderam por não seguirem a opinião que os mais sempre dela tiveram em servirem a seu rei e defender sua pátria. Fizeram uma solene procissão dando graças a N. Senhor pela mercê que lhes fizera. (...)

«de como Dona Violante da Silva se mostrou no serviço de el-rei» (6)

Como na ilha havia alguns descontentes e outros medrosos que eram dos mais ricos em fazenda e rendas, receando algum mau sucesso por donde viessem a perder seus bens, e outras confusões que havia na terra conturbando os bons em cuidarem que tinham inimigos consigo aos quais temiam mais que

(6) Capítulo 8.

as forças do adversário; estava na mesma cidade uma donzela fidalga de honrada geração, orfã de pai e mãe, nascida na mesma ilha, muito rica, chamada Dona Violante da Silva, tão recolhida com suas criadas como virtuosa que era extremo, ouvindo as coisas que acima digo, e vendo que se fortificava a ilha para a defenderem, deu do seu para a ajuda dos gastos das obras e não fazia isto por temor, mas com ânimo varonil. Esteve para sair fora com suas donzelas ao porto com as armas nas mãos para esforçar os fracos e animar os leões pelo que se pode dizer desta fidalga outra Joana donzela de França. (...)

Os fidalgos e nobres de bom entendimento a estimavam muito tendo-a por soberana, louvando-a por sustentar tão honrada opinião, o que era ao contrário entre os soldados de menos qualidade porque criavam cada um por si, um inimigo contra ela. Aos capitães franceses e ingleses mandou (Dona Violante) grandes presentes pelo que os obrigava e desejarem de a servir, era tão amada de todos quanto posso encarecer e soava sua fama nos grandes de Inglaterra e França. Quando el-rei chegou a esta ilha lhe pagou por então em honras o que por seu serviço tinha feito indo-a visitar a sua casa por três vezes. (...)

«de como os portugueses acudiram a resistir aos castelhanos e os acharam em terra, e do recado que deram ao governador e de como andaram escaramuçando até se aparelharem para dar batalha» (7).

Como o bombardeiro atirou com o barco, ao som do tiro acudiu Domingos Louzel com os soldados que trazia e a companhia de Baltazar Afonso, capitão da vila de São Sebastião e quando chegaram era já a maior parte dos inimigos em terra e tão cêdo que quando disseram aos da vila de São Sebas-

(7) Capítulo 11.

tião, não se conheciam uns aos outros porque Gonçalo Alvares procurador da Provedoria da Ilha, passou a cavalo pelos inimigos de parte a parte (...) quando chegou a gente da vila de São Sebastião tinham já os inimigos entrado um pedaço pela terra dentro até uma casa de palha que estava a um tiro de arcabus do porto, na qual os castelhanos quiseram entrar; e já em baixo tinham queimado outra. Os Portugueses os detiveram que não entrassem mai spela terra. (...)

Os moradores da vila, tanto se baralhavam na escaramuça com os inimigos para os deterem, mandaram com muita pressa um aviso ao governador que estava na Praia, por Henrique Fernandes que foi em bom cavalo; nascendo o sol chegou ao mosteiro de São Francisco onde estava (o governador) dando-lhe recado do que se passava.

O governador com os seus, Manuel Fernandes Quadros, Pacheco, filho de Diogo Pacheco, Brás Nogueira e outros que com ele se achavam que eram ao todo doze de cavalo, se partiu com a pressa que convinha (...) e cada um levava um homem nas ancas de seu cavalo e todos com seus arcabuzes, sendo em número de vinte e quatro arcabuzeiros com o governador. El primeiro que lhe dessem o recado, o deu Henrique Fernandes ao capitão Francisco Dias de Santiago, a Martim Simão de Faria, Diogo de Lemos, o velho que estavam em suas estâncias junto à vila da Praia, os quais, sem esperarem pelo governador, cheios de cólera, acudiram onde os inimigos estavam (...)

O governador veio correndo a costa ordenando de caminho à gente pelas estâncias ao longo do mar e nesta ordem não havia detença, somente correndo dava palavra aos capitães do que haviam de fazer porque como na armada iam homens grandes soldados e ardilosos na guerra, se temia do inimigo cometer numa parte com alguma gente e dar noutra com o resto. Quis o governador deixar tudo percebido para que o não tomassem em descoberto e assim chegou com toda a brevidade em tempo que os portugueses mal cuidavam que tão prestes pudesse estar com eles. Vendo que estavam pelejando,

correu por todos para os animar e com sua vista se esforçarem e pelejarem melhor. (...) Estando escaramuçando há um bom espaço de tempo, como tinham mandado recado à cidade a Aires Jácome Correia, viram vir da mesma parte o capitão Artur de Azevedo com sua companhia pela parte do Porto Judeu e trazia um falcão numa carreta e tanto que o governador o viu vir parecendo-lhe que trazia consigo toda a sua gente que eram quase trezentos homens e vindo daquele lado, ficava o governador com os mais da outra, e os inimigos no meio, determinou de serrar com eles, quando Artur de Azevedo chegasse pelo seu lado. Passou logo palavra por todos que quando Artur de Azevedo mandasse atirar a peça, dessem pela sua parte nas costas dos castelhanos porque haviam de fazer frente aos que os iam cometer (...) estando ordenado o que haviam de fazer começou o governador a dizer e marchando tanto abaixo que alguns dos inimigos lhe ficaram por um lado; como chegou o capitão Artur de Azevedo sem se refazer da sua companhia que vinha atrás cansada por serem duas léguas, como viu perto os inimigos por ser muito esforçado e lhes ter boa vontade, mandando pôr fogo à peça a remeteu a eles com setenta e cinco soldados que com ele chegaram. Vendo o governador atirar a peça deu um grito dizendo «Santiago» e remetendo para os inimigos dos quais saía uma manga ⁽⁸⁾ contra Artur Azevedo de doze até quatorze soldados e travando-se a briga, lhe mataram quatro ou cinco portugueses no primeiro encontro; vendo-se o capitão tão mal acompanhado por serem os seus soldados tristes e alguns se espalharem, se retirou o melhor que pôde com sua bandeira e os poucos que consigo tinha, para um alto, onde se fez forte. Os da parte do governador quando viram o mau sucesso, tornaram para trás tanto sem ordem que podiam ficar pizados debaixo dos pés da gente que ia a pé por môr da aspereza da terra e por os castelhanos terem tapado os caminhos e pelejarem atrás das pedras. Tornando-se os portugueses onde dantes se defendiam, ficaram os castelhanos tão ufanos e soberbos

(8) Grupo de Pessoas.

com aquele pequeno encontro que cuidaram que tinham ganho a Ilha tendo ficado em seu poder o falcão de Artur de Azevedo. Escreveram logo a D. Pero de Valdez que se alegrasse porque a vitória era sua o que ele festejou de tal maneira que como vencedor vestiu camisa lavada e se vestiu de verde e metido em uma lancha veio ao longo da terra; (...) E Gaspar de Araújo vendo uma estância fronteira do inimigo que estava num alto feito de paredes ordenou à sua gente que nela jugassem as arcabuzadas; como vinham de refresco se travou bem a briga da sua parte. (...) Como a calma ⁽⁹⁾ era grande, acudiram com pipas de água para refrescar a gente que sentia mais sede que o perigo dos pelouros. As mulheres acudiram ao campo com tanto ânimo que se tivessem armas também pelejavam; bradavam que dessem batalha o que fazia aos portugueses terem maiores desejos de a darem P. Pero de Valdez com as esperanças de vitória e para dar conclusão a renderem a ilha mandou de refresco cinco lanchas de soldados para ajudarem os que pelejavam em terra do que alguns portugueses ficaram temerosos mas o governador os esforçou dizendo que não temessem porque esperava em Deus que quanto mais gente fosse tanto mais famosa vitória teriam e já que os inimigos eram tantos, convinha pelejarem entrincheirados até mandar buscar o gado que andava na serra, que era grande quantidade de vacas para usar de um ardil que Ambrósio de Ávila com ele tinha comunicado contra os castelhanos. Mandou logo três homens em busca dele com muita brevidade e também mandou buscar à cidade pólvora, vinagre e um falcão pedreiro para com ele fazer desalojar os espanhóis que estavam de posse de uma casa sobrada, donde, por entre as telhas do telhado atiravam e faziam danos aos portugueses, e na janela tinham posta a sua bandeira como homens que estavam seguros (...)

A peleja se travou por todas as partes começando os castelhanos a cair e Duarte de Vasconcelos via levar alguns feridos a bordo e todos dos peitos para cima coisa que lhe esperança do que ele desejava e por ouvir que havia mais de

(9) Calor.

cinquenta castelhanos mortos de arcabuzadas e os mais deles detrás das paredes o que os fez desconfiar tanto que mandaram dizer que se tornariam a embarcar porque a gente recrescia e eram muito bons arcabuzeiros. O que mais meteu os portugueses em cólera para acabarem a vida ou vencerem, foi que, quando os castelhanos desembarcaram puseram fogo aos trigos e numa eira queimaram mais de cinquenta moios e palavras injuriosas contra suas honras pelo que determinaram darem batalha quando o gado chegasse.

«de como o governador fez do gado dois esquadrões e deu batalha aos castelhanos e os venceu» ⁽¹⁰⁾.

Como o governador viu que era o gado chegado e temendo se dilatasse o encontro para mais tarde que poderia anoitecer e pelo que tinha visto de dia, determinou em logo dar batalha por não se lhe ir de noite alguma gente, mandou fazer do gado dois esquadrões que podia ter cada um duzentas vacas. Um deles puseram pela banda donde estava Artur de Azevedo para que com ele e pela sua parte desse nos inimigos e o outro, entrava por onde o governador estava com a mais gente. Ordenou uma meia lua, mandando alguns soldados em ordem até se irem juntar com uma das pontas da gente de Artur de Azevedo. A companhia de Pero da Costa desceu pela parte do Pico das Contendas onde estava Sisto de Ornelas com sua gente e Baltazar Machado com o sargento-mor também com os seus se pôs em ordem, e a gente da cidade ia no meio, vendo os castelhanos como os iam cercando e o gado da dianteira (...) achando-se enganados pelo que lhes tinham dito que não tinham os da Ilha mais armas que bastões, bestas e fundas (...). Tinha dado o governador palavra a todos que logo que vissem a gente descer com as vacas dessem grande grito com «Santiago» dizendo «fogem os castelhanos». (...) E serrando

(10) Capítulo 12.

mataram setecentos e setenta castelhanos, contados além dos que se deitaram ao mar e com o peso das armas se afogaram e outros que depois morreram das feridas que no princípio foram recolhidos nos navios. Do mar veio D. Pero de Valdez (...) e chegando-se ao batalhão, ouviram um grande grito como a dizer à gente que estava nos altos, para dar batalha e ouviram até cem arcabuzadas e logo de repente o pó e o grito com o rumor das armas foi tal, que os do mar não viram outra coisa mais que algumas cabeças de homens que se vinham acolhendo aos bateis que ao todo seriam até vinte e os portugueses metidos na água monteando com as picas ⁽¹¹⁾ alguns que o temor da terra e o do mar fazia beber com a água, a morte. Francisco Dias se encontrou com um valoroso soldado bem armado que trazia uma pica, que lhe disse «Senor, se sois cavalhero, yo me rendo a vos porque sois cavalhero» Francisco Dias lhe respondeu «se sois cavalheiro, defendei-vos como cavalheiro» (...) era cumprir o que o governador mandara, que não dessem a nenhum a vida e para soldado não tem desculpa matar o que se rende. Vendo o castelhano o desengano, se determinou a vender a vida por seu preço, comendo Francisco Dias com a pica e lhe deu um encontrão que o fez ajoelhar apesar de ser homem de grandes forças e um seu negro que ficava ao lado do espanhol endireitando-se com ele lhe deu uma estocada pela garganta e com o senhor o acabaram de matar, pelo que Francisco Dias o sentou naquele dia consigo à mesa e o quizera forrar ⁽¹²⁾ o que o escravo não quis aceitar (...). Coisa foi esta de notar: em tão pouco espaço de tempo mataram tanta gente. Não é menos de admirar duas coisas que neste tempo aconteceram: a primeira, que na batalha onde tantos espanhóis moreram não mataram nem feriram um só português; a segunda foi que fazendo naquele dia a maior calma ⁽¹³⁾ que jamais na ilha viram e o lugar onde o inimigo saiu, tão quieto, posto que o mar em outros lugares andasse muito bravo, naquela baía sempre estava

(11) Espécie de lanças.

(12) Libertar.

(13) Calor.

sereno e como os inimigos fugiram dos portugueses indo para se meterem nele, se levantaram as ondas tão altas que de muito longe tornaram nas alturas delas a serem arremessados na praia. Maravilharam-se os homens de verem o mar tão quieto por fora que parecia coalhado, e dentro, naquela baía andar tão alto com a fúria da braveza tinto em sangue que dos corpos saíam e outros que mataram dentro de água e os que o mar com a fúria com que os botava nos duros penedos fazia pedaços e os que se botavam da alta rocha e de grandes penedos e outros que iam nadando, os matavam as arcabuzadas por que se converteu a água em tinta de sangue (...)

Durou a peleja até ao fim da batalha das quatro horas da manhã até às quatro depois do meio-dia e não havendo mais que fazer despediu o governador a gente para que fossem descansar e ele se recolheu na vila de São Sebastião para fazer curar os feridos que não chegavam a dez entre os quais estava Martim Simão de Faria, e enterrar os portugueses mortos, na igreja da vila. Ao outro dia pela manhã mandou vir carros para juntar os espanhóis e faze-los enterrar como exemplo de cristandade e para não infeccionar com o mau cheiro, a gente que havia de residir nas estâncias. Num poço que estava sem água enterraram setenta e oito (...) acabado tudo, tomaram a bandeira dos castelhanos com os despojos em carros e se puseram a caminho da cidade onde os estavam esperando todo o clero e foram triunfantes pela cidade em solene procissão, indo da Sé a São Francisco, onde houve pregação celebrando esta vitória e a mercê que N. S. Ihes fizera pelo que lhe deram graças, ficando o governador Ciprião de Figueiredo Vasconcelos com maior honra desta vitória (...)

IMPRESSO NAS OFICINAS
DA UNIÃO GRÁFICA ANGRENSE
NO MÊS DE JULHO DE 1981
3.000 EXEMPLARES



Mun. de Angra do Heroísmo



11428

